Saída, Perda e Silêncio: Três Caminhos, Uma História, Memória e Trauma

Rogério Fonseca[1]

Resumo:

Este artigo propõe uma leitura do trauma em consequência da saída forçada de Moçambique, no contexto da descolonização, a partir da psicanálise relacional. Partindo de três percursos marcados por perda, deslocação, desenraizamento e ruptura da continuidade identitária, examina-se de que modo experiências potencialmente traumáticas permanecem psiquicamente activas quando não encontram um contexto intersubjectivo capaz de lhes conferir reconhecimento, continência e inscrição simbólica. Sustenta-se que o trauma se constitui na articulação entre a violência do acontecimento e a falha ambiental e relacional da experiência vivida, produzindo efeitos duradouros na organização do *self*, na memória autobiográfica e na capacidade de simbolização. A perda da terra, dos vínculos, da língua e dos referenciais de pertença é, assim, pensada como experiência simultaneamente histórica, social e intrapsíquica. Ao articular testemunho, silêncio e elaboração, o artigo sublinha a importância de espaços de escuta relacional que permitam transformar vivências não representadas em narrativa partilhável. Defende-se, por fim, que uma abordagem relacional ao trauma alarga a compreensão clínica da memória, da perda e da herança emocional entre gerações.

Palavras-chave: trauma; memória; perda; descolonização; testemunho; silêncio.

[1] Psicólogo Clínico e Psicoterapeuta Psicanalítico, PsiRelacional
fonsecarogerio@me.com

Abstract: This article proposes a relational psychoanalytic reading of trauma resulting from the forced departure from Mozambique in the context of decolonization. Drawing on three life trajectories marked by loss, displacement, uprooting, and ruptures in identity continuity, it examines how potentially traumatic experiences remain psychically active when they do not encounter an intersubjective context capable of providing recognition, containment, and symbolic inscription. The article argues that trauma is constituted through the articulation between the violence of the event and the environmental and relational failure surrounding the lived experience, producing enduring effects on the organization of the self, autobiographical memory, and the capacity for symbolization. The loss of land, bonds, language, and frameworks of belonging is thus understood as an experience that is simultaneously historical, social, and intrapsychic. By bringing together testimony, silence, and psychic working-through, the article underscores the importance of relational spaces of listening that enable unrepresented experiences to be transformed into shareable narrative. Finally, it argues that a relational approach to trauma broadens the clinical understanding of memory, loss, and the transmission of emotional inheritance across generations.

Keywords: trauma; memory; loss; decolonization; testimony; silence.

Sete de Setembro de 1974, Lourenço Marques (Moçambique). Essa data marcaria para sempre João, José e Pedro — nunca mais voltariam a ser quem tinham sido até então. O *Acordo de Lusaka* estava assinado, a independência era iminente, e o conflito entre os habitantes locais eclodiu com violência. O sofrimento adensava-se. João, de oito anos, durante uma troca de tiros e morteiros, saiu do banho coberto de espuma e, em pânico, escondeu-se debaixo dos lençóis da cama. Tremia como a cana-de-açúcar nas tempestades africanas. José, com onze anos e morando não muito longe de João, sentia o

mesmo terror; o pânico era total, e a ideia da morte pairava no ar a cada estrondo. Pedro, um homem de trinta e cinco anos, casado e pai de duas filhas, viveu uma tragédia inimaginável: diante dos próprios olhos, a companheira e as filhas foram mortas. Nada pôde fazer. Desejou morrer também, mas deixaram-no vivo para que sofresse — o ódio instalara-se e fazia novas vítimas.

É destas experiências devastadoras que se fazem os conflitos entre povos: dor e mais dor, trauma atrás após trauma. Nenhum deles escapou ileso. Do ponto de vista da psicanálise, poderíamos dizer que cada um sofreu um trauma psíquico profundo — uma ferida emocional que rompeu a continuidade das suas vidas internas. Importa compreender que o trauma não é apenas o acontecimento aterrorizante em si, mas o impacto que ele tem quando não pode ser devidamente processado em relação com um outro humano. Aqui, a perspectiva da psicanálise relacional oferece-nos algumas chaves para dar sentido a esta história partilhada. Este modelo teórico, inaugurado por autores como Stephen Mitchell e Jay Greenberg nos anos 1980, enfatiza que as relações humanas — mais do que pulsões instintivas isoladas — estão no centro do desenvolvimento psicológico. Aliás, o movimento relacional resgatou a ideia, já presente já em Ferenczi e na escola das relações de objecto, de que é o contacto emocional e a relação com o outro que constituem a motivação essencial do desenvolvimento humano (Ferenczi, 1933/1988).

À luz desta perspectiva, podemos imaginar o impacto devastador quando essas relações fundamentais e o sentido de segurança básica que elas oferecem são abruptamente destruídos. Para João, José e Pedro, Moçambique era a terra natal, o lar onde construíram vínculos e identidades. De um dia para o outro, esse chão firme ruiu. A "saída" forçada da terra que conheciam implicou a perda não só do espaço físico, mas de todo um mundo relacional: amigos;, vizinhos;, familiares;, rotinas e lugares cheios de significado. A psique de cada um viu-se subitamente sem solo, em risco de "cair para sempre" no vazio, como diria Winnicott (1965) a propósito do trauma precoce.

João, ainda criança, já conhecia a perda antes mesmo do conflito: o pai

biológico, que nunca o reconhecera, ausentara-se da sua vida desde o início. Foi uma ausência irreparável, que o marcava silenciosamente. Nos anos seguintes, viu também os irmãos mais velhos partirem para Portugal — algo que João mal compreendia, pois Moçambique era o seu lar e ele já carregava a saudade de um pai ausente. João e a mãe permaneceram em Moçambique após a independência, tentando adaptar-se ao novo regime político. Contudo, quando lhes foi exigido optar por uma nacionalidade (moçambicana ou portuguesa), acabaram por regressar à "Metrópole". Assim, em 1977, aos onze anos, João deixou a única terra que conhecera — num processo que se revelou muito difícil. Como refere Isabel Marques: "Se, no quotidiano, o desdém dirigido aos recém-chegados de África era verbalizado através de imputações desqualificantes e estereotipadas, ou manifestado em práticas de discriminação/exclusão social e cultural, na esfera política e académica poucos se interessaram pela sua causa ou pela análise das reivindicações" — diria eu, do sofrimento.

Quando o conflito irrompeu no seu bairro em 1974 e o pânico o levou a esconder-se debaixo dos lençóis, João experimentou um terror sem nome. Sem um pai presente ou um adulto que conseguisse acalmá-lo naquele momento, aquela experiência ficou registada de forma crua e, sem tradução em palavras. Sabemos, por autores relacionais como Donnel Stern (2017), que o trauma e a dissociação que ele acarreta "congelam o tempo", tornando impossível formular experiências novas; os significados potenciais permanecem não formulados, congelados junto com o momento traumático. Assim aconteceu com João, naquele dia,: uma parte dele ficou congelada naquele dia,e escondida em silêncio debaixo dos lençóis, enquanto o mundo lá fora desabava.

José, por sua vez, também criança, viu o seu mundo virar do avesso. Ele e o irmão ainda tiveram a protecção dos pais naquele caos; a família, organizada e unida, conseguiu sair de Moçambique antes do pior da violência. Contudo, a chegada a Portugal — a uma região do Norte onde nada lhe fazia sentido — foi profundamente traumática à sua maneira. Tudo era estranho: o clima,

a geografia, as pessoas e os costumes. José perdera tudo o que era importante para ele: a casa no Alto-Maé, os amigos de infância, as cores e cheiros familiares, o clima maravilhoso, a terra vermelha fértil, o mar imenso, ora calmo, ora revolto. Uma parte de si permanecia perpetuamente zangada e triste com tudo o que tivera de deixar para trás. Ele próprio dizia, anos depois, que não conseguia "compreender a sua história" — as perdas sucederam-se tão rapidamente e de forma tão incompreensível que lhe faltavam palavras ou imagens para dar sentido ao que vivera. A angústia existencial instalou-se e parecia ter vindo para ficar. José vivia com um medo constante de que a história se repetisse de outras formas: de , a qualquer momento, voltar a ficar sem nada, vítima de alguma nova crise, a qualquer momento.

Os seus pais, embora fisicamente ao lado dele, estavam emocionalmente devastados. "Nunca mais foram os mesmos", recordava José. Carregavam uma mágoa profunda, um luto não elaborado pela vida deixada para trás. Aqui podemos recorrer à ideia de Robert Stolorow (2007), para quem o trauma se define justamente pelo não-encontro de um contexto humano que acolha a dor. Quando uma dor emocional intensa não consegue encontrar um lar relacional onde possa ser acolhida, ela torna-se insuportável e traumática. José e o irmão sentiam que os pais não tinham condições de oferecer esse acolhimento relacional para as angústias deles, porque os próprios pais estavam imersos num sofrimento silencioso. Assim, a dor de José permaneceu, em grande medida, sem testemunha; ele teve de carregá-la sozinho, silenciosamente, através da adolescência e da adultez.

Com o tempo, José cresceu e constituiu a sua vida adulta em Portugal, mas aquele núcleo de tristeza e medo persistiu. Anos mais tarde, já em terapia, enfrentou novas perdas dolorosas: primeiro a mãe, depois o pai, faleceram num intervalo de um ano. Lidar com essas perdas activou novamente aquele trauma primordial. Ele admitiu que nunca estivera preparado — era como perder tudo mais uma vez. No processo terapêutico, aos poucos, José pôde chorar, revoltar-se e lembrar. Aos poucos, foi possível encontrar algumas pa-

lavras para aquilo que fora, durante décadas, um grito mudo. Stolorow (2007) fala da ruptura dos "absolutismos da vida diária" quando o trauma ocorre: as crenças básicas de estabilidade e segurança no mundo desintegram-se, expondo-nos à contingência radical da existência — a sensação de que não há continuidade nem segurança garantida. Foi exactamente isso que José sentiu em menino e voltou a sentir nas perdas da vida adulta. Ao reconhecer isso em terapia, pôde começar a reconstruir um sentido de continuidade — um novo "chão" interno, um pouco mais firme do que o terror original.

Se José pôde gradualmente "descongelar" o tempo psíquico através da partilha terapêutica, Pedro, infelizmente, não teve essa oportunidade. A tragédia de Pedro foi, entre os três, a mais explícita e atroz. Nos subúrbios de Lourenço Marques, na amada *Matola* onde tinha a sua "machamba" perto dos avós de João, Pedro viu o seu mundo ser destruído em minutos de violência cega. Ao perder a esposa e as filhas de forma brutal, algo nele morreu também — morreu psiquicamente. Pedro sobreviveu fisicamente, mas ficou profundamente triste, deambulando pela vida como um fantasma da pessoa que fora. De volta a Portugal, passava os dias encostado às memórias. Costumava parar no Café Gelo, no Rossio, ponto de encontro de muitos retornados/refugiados de África. Sempre que Pedro ali encontrava alguém "do tempo de Lourenço Marques", desabava em pranto convulsivo, sem conseguir conter a dor. Aquela cena impressionou vivamente o pequeno João, então com onze anos, que certa vez perguntou à mãe o que se passara com aquele homem. A mãe explicou-lhe em poucas palavras: «Mataram-lhe a família toda.» Como encontrar sentido para uma barbárie dessas?

Na ausência de um espaço humano onde depositar tamanha dor, Pedro fechou-se cada vez mais no silêncio. Philip Bromberg (2011) descreveu como experiências traumáticas deste tipo tendem a ficar segregadas em estados do *self* "não-eu", contendo memórias implícitas impossíveis de narrar, pois faltam-lhes um significado simbólico dentro da história vivida que a pessoa reconhece como "eu". Em Pedro, a dor tornou-se talvez um "não-eu": uma

parte dele totalmente tomada pelo desespero e desligada de qualquer esperança ou vínculo com a vida quotidiana. Cada reencontro com o passado (ao ver um conhecido do antigo tempo) fazia emergir esse estado traumático, como um fantasma que o assombrava repetidamente com a mesma intensidade crua do momento da perda. E assim ele chorava e chorava, inconsolável, enquanto os outros observavam sem saber como ajudá-lo.

A certa altura, Pedro deixou de aparecer no café ou em qualquer dos seus locais habituais. Soube-se depois que se suicidara. A dor traumática, não elaborada e não partilhada, levou-o ao limite do insuportável. No seu caso, podemos dizer que falhou completamente a possibilidade de restauração do laço humano que pudesse tê-lo salvo. Jessica Benjamin (2014) fala no perigo de nos tornarmos "testemunhas falhadas" — quando aqueles que assistem ao sofrimento do outro falham em reconhecer, contrariar ou reparar esse sofrimento. Talvez a sociedade em torno de Pedro — nós, seus contemporâneos e conterrâneos — tenhamos sido testemunhas falhadas. Não soubemos, ou não conseguimos, dar-lhe o reconhecimento e o amparo de que ele desesperadamente precisava. O silêncio dele ecoou no vazio deixado pela nossa incapacidade de o escutar.

Hoje, passadas décadas, João, José (e tantos outros que viveram histórias semelhantes) continuam a carregar memórias daquele período conturbado. A guerra, a independência de Moçambique, tudo isso alterou inexoravelmente o curso das suas vidas. Trouxeram o corpo vivo para Portugal, mas a alma ficou em pedaços espalhados entre dois continentes, dois tempos, dois mundos. Muitos silenciaram as suas dores, tentando seguir em frente sem olhar para trás. Contudo, a memória traumática não desaparece; persiste, por vezes latente, por vezes irrompendo em lembranças, sonhos ou temores inexplicáveis.

É preciso dar voz a esse silêncio e sentido a essas memórias fragmentadas. A psicanálise relacional ensina-nos a importância de criar um espaço de diálogo, um novo contexto relacional onde a dor possa finalmente encontrar um lar e ser acolhida. Ao narrar e reconhecer essas experiências — seja no

consultório, numa roda de conversa entre retornados/refugiados, com amigos, ou em textos como este — começamos a transformar o trauma em história partilhada. O que antes era um fardo solitário pode tornar-se uma memória elaborada, integrada na identidade de cada um de forma menos devastadora. Não se trata de apagar a dor, mas de reinscrevê-la, simbolizá-la e dar-lhe significado: tecida a dois ou mais, em vez de carregada a sós. Assim, João pode entender que aquele menino aterrorizado em 1974 vive ainda nele, mas já não precisa de se esconder; alguém finalmente o vê e o escuta. José pode ser avô, com o coração mais leve, sabendo que conseguiu dar um novo capítulo à história que quase terminara. E Pedro — em memória — que a sua tragédia sirva de apelo para nunca deixarmos outra vez um ser humano sozinho com um sofrimento indizível. Que possamos todos, enquanto comunidade, oferecer uns aos outros um testemunho vivo, empático e activo, para que a História, a Memória e o Trauma encontrem caminhos de significação e não apenas de silêncio.

E termino, referindo Michel Foucault (1971): A verdade não é neutra; é um campo de luta construído historicamente por discursos que servem determinados poderes. Onde há poder, haverá resistência.

Referências bibliográficas:

Benjamin, J. (2014). *Beyond doer and done to: Recognition theory, intersubjectivity and the third*. Routledge.

Bohleber, W. (2020). Recordação, trauma e memória coletiva: A luta pela recordação em psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA, 15*(1), 35–65. (https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/479)

Bromberg, P. M. (2011). *The shadow of the tsunami: And the growth of the relational mind*. Routledge.

Favero, A. B. (2009). *A noção de trauma em psicanálise. Psicologia Clínica*, 21(2), 485–490. (https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200017)

Ferenczi, S. (1933/1988). *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*. In Obras completas (Vol. 3). Martins Fontes.

Ferrajão, P., Esteves, A., & Stumpf, M. (2021). *Trauma cumulativo: Quando a estória sobrevive entre a repetição relacional do trauma e o corpo*. Revista Portuguesa de Psicanálise, 42 (1), 46–57.

Foucault, M. (1971). *A ordem do discurso*. Loyola.

Freud, S. (1920/1974). *Além do princípio do prazer*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 18). Imago.

Fuchs, S. (2021). *O indizível em psicanálise: Trauma e regressão terapêutica numa perspectiva relacional.* Appris.

Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Harvard University Press.

Lacan, J. (1973/1985). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* (J.-A. Miller, Ed.; M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar.

Marques, I. A. B. (2017). *Deixar África 1974–1977: Experiência e trauma dos portugueses de Angola e de Moçambique*. (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa).

Reis, E. S., & Gondar, J. (2017). *Com Ferenczi: Clínica, subjetivação, política*. 7 Letras.

Stern, D. B. (2017). *Unformulated experience, dissociation, and Nachträglichkeit*. Journal of Analytical Psychology, 62(4), 501–525. https://doi.org/10.1111/1468-5922.12334)

Stolorow, R. D. (2007). *Trauma and human existence: Autobiographical, psychoanalytic, and philosophical reflections*. Routledge.

Volkan, V. D. (2017). *Immigrants and refugees: Trauma, perennial mourning, prejudice, and border psychology*. Karnac.